



Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

Mulheres Singulares

Maria Hortense Sequeira de Morais (21.12.1858/20.03.1941) nasceu na Conceição, Ribeira Grande, em São Miguel. Era filha dos lisboetas Gregório José Máximo de Moraes (Escrivão da Fazenda na Ribeira Grande) e Rosa Emília de Sequeira. Era irmã de Aurora de Sequeira Morais, de Maria Ermelinda de Sequeira Morais Vasconcelos (casada com Clemente António de Vasconcelos/Lagoa), de Maria do Carmo de Sequeira Morais (professora, Ponta Delgada) e de Joaquim Zeferino de Sequeira Morais (militar/Lisboa, casado com Emília Carolina do Couto Severino de Sequeira Morais).

Maria Hortense era muito jovem quando seu pai faleceu, na Horta, deixando, como em tantos outros casos, a subsistência familiar a cargo de sua irmã mais velha, Aurora de Sequeira Morais, que levou a cabo a tarefa até falecer, em 1876, com apenas 29 anos, da fatídica tísica pulmonar. Com 17 anos de idade, a nossa biografada substituiu a irmã na tarefa, de enorme responsabilidade, de sustentar a família e cuidar de sua mãe.

Foi professora particular, tendo mantido, com sucesso e reconhecimento local, um colégio de educação feminina. No âmbito das atividades escolares, proporcionou à população de Ponta Delgada diversas exposições de trabalhos manuais e desenhos das suas alunas e seus. O seu trabalho como educadora foi francamente elogiado pelos seus conterrâneos, mas igualmente a sua faceta artística.

Efetivamente, Maria Hortense, que tinha no seu círculo de amigas figuras como Alice Moderno e Maria Evelina de Sousa, não se acanhava à dimensão regional e, embora a sua faceta artística se incluisse na condição de “artista artesanal” reservada ao feminino, não deixou de ser reconhecida nacionalmente na mesma.

Efetivamente, para além da participação em exposições escolares, Maria Hortense também participaria em Exposições de Arte em São Miguel, com trabalhos em escumilha e pintura em tecido. Para além disso, participaria na Exposição Industrial Portuguesa de 1888, em Lisboa, sendo a única mulher insular a participar em nome individual na mesma. A essa Exposição enviaria um quadro de fundo de seda branca com desenho feito a agulha com fios de escumilha preta, cópia de uma gravura representando a Duquesa de Bragança e o Príncipe Real, Luís Filipe, publicada na *Ilustração Portuguesa*, em 1887. Esse mesmo quadro, que esteve exposto no Pavilhão “Príncipe da Beira” (dedicado aos produtos açorianos), seria oferecido a D. Amélia. Pela sua participação na Exposição de 1888, mereceu o Diploma de Menção Honrosa do Júri, numa altura em que alguns países europeus começavam a remeter a educação feminina à casa e cozinha.

Em setembro de 1892, Maria Hortense muda a sua residência e atividade profissional para Lisboa, assumindo a sua irmã Maria do Carmo, a direção do Colégio em Ponta Delgada. Em Lisboa, residiria na rua de S. Mamede, nº47, e em Oeiras, e nessa cidade permaneceria até 1912, exercendo durante 20 anos o professorado com grande reconhecimento.

▶ Retrato de Maria Hortense de Sequeira Morais. ICPD – Coleção Fotográfica Digital. Coleção particular, referência: PT/ICPD/CFD.01059.

No ensino de bordados a um público feminino, abrindo uma escola de bordados e trazendo como referência a renda de bilros ensinada em Peniche por Maria Augusta de Prostes Bordalo Pinheiro, na Escola de Desenho Industrial Rainha Dona Maria Pia, mais tarde renomeada Escola Industrial de Rendeiras Josefa de Óbidos.

Maria Hortense Sequeira de Medeiros faleceu a 20 de março de 1941, com 82 anos, deixando uma herança de educação feminina, que ultrapassou as primeiras letras e verteu para a educação artística feminina. Não tendo formado Artistas, formou mulheres para um mercado de trabalho, dando-lhes ferramentas para sustento familiar e, até, alguma emancipação.

Cristina Moscatel

Recomendamos a leitura

A tríade *Mulher-Arte-Mercado de Trabalho* foi temática que marcou o final do século XIX, quando os direitos femininos ganharam novas e mais altas vozes. Independentemente do estatuto social, e apesar de algumas exceções como Maria Aurélia de Sousa, à Mulher dificilmente se reconhecia o estatuto de Artista, a que se associava a Genialidade só reconhecida ao elemento masculino. Neste contexto, a “arte” feminina viu-se remetida, quase sempre, ao doméstico. E quando o doméstico extravasava portas, eram mulheres artesãs que se viam inseridas num mercado de trabalho circunscrito.

O bordado e a renda são um exemplo dessa “arte” feminina que extravasou portas e deu à Mulher um sustento e um Saber, mas mantendo-se no âmbito do artesanato. Sobre a questão da Mulher, da sua relação com a Arte e com o Mercado de Trabalho no século XIX, recomendamos a leitura das obras, em inglês, *Crafting the Woman Professional in the Long Nineteenth Century*, coordenada por Kyriaki Hadjiafxendi e Patricia Zakreski, e *Home & Work*, de Jeanne Boydston, para as realidades inglesa e americana, respetivamente.

Para a questão da relação da Mulher com a Arte recomendamos a leitura de *A Arte sem História. Mulheres e Cultura Artística (séculos XVI-XX)*, obra coordenada por Filipa Lowndes Vicente.

E, finalmente, sugerimos a leitura do artigo “O artesanato na Economia da ilha do Faial e Pico. Surto importante nos meados do século XIX e finais do século XX”, da autoria do Padre Júlio da Rosa, publicado nas atas do Colóquio O Faial e a Periferia Açoriana (1995), onde aborda a importância da trabalho feminino do bordado para a economia daquelas duas ilhas, sobretudo o Faial; e a tese de mestrado em Museologia (2015) de Georgina da Conceição Branco Garrido, intitulada *Dos Conventos ao economuseu. Patrício & Gouveia Ld.ª – Fábrica de Bordados*, onde aborda a tradicional indústria do bordado na economia madeirense.

Boas leituras!

Cristina Moscatel



Sabia que...

Em 1904, um grupo de micalenses defendeu a criação de uma indústria de rendas e bordados na ilha, com a intenção de desenvolver o trabalho feminino remunerado, bem como a criação de uma receita adicional para a economia de São Miguel.

À frente da proposta esteve Clemente António de Vasconcelos, cunhado da Maria Hortense de Sequeira Morais, defendendo a importância de montar uma indústria de rendas e bordados em São Miguel, à semelhança do que já existia na Madeira.

A sua proposta seria apoiada e patrocinada por todas as câmaras municipais de São Miguel, que fizeram vir da Madeira bordadeiras com experiência para ensinar a sua “arte” às micalenses: Clemente António de Vasconcelos seria o Delegado pela Câmara da Lagoa; Francisco Alves d’Oliveira, pela do Nordeste; António Tavares Torres, pela da Ribeira Grande; Dinis Moreira da Mota, pela de Vila Franca do Campo, e Pedro Félix Machado e Luís Botelho Mota, pela de Ponta Delgada.

Assim, em meados de 1904 e até início de 1905, as bordadeiras funchalenses percorreriam todos os municípios da ilha, obtendo grande número de inscritas em todos os locais da formação. A formação pretendia fornecer conhecimento às mulheres micalenses, para que pudessem exercer essa atividade remunerada de forma mais ou menos doméstica ou individual, não se tratando, ainda, de montagem de uma produção industrial.

Essa iniciativa não terá tido o alcance almejado, pelo menos não no sentido de montar uma indústria pilar na economia micalense. 10 anos mais tarde, em setembro de 1914, a Liga Micalense de Instrução Pública, pelas mãos de Aires Jácome Correia e de Maria Evelina de Sousa, instituiu uma escola industrial de renda de bilros, novamente com a referência da Escola de Peniche, para formar mulheres bordadeiras, com o intuito de lhes dar um meio de subsistência. A escola sobreviveu até à década de 30, em uma casa na Rua do Brum.

O bordado açoriano adquiriu mercado e permanece, até hoje, como uma indústria artesanal, ocupando, ainda, muitas mãos femininas.

Cristina Moscatel